

## A CRIANÇA-NO-ADULTO: UMA FICÇÃO NECESSÁRIA

THE CHILD-WITHIN-THE-ADULT: A NECESSARY FICTION

Marion Minerbo<sup>1</sup>

**Resumo:** Partindo da reconstrução ficcional da relação entre uma criança pequena (Luizinha) e seu objeto primário, a autora procura mostrar de que modo o infantil infiltra o discurso de uma paciente adulta em análise (Luíza). O tema que aparece de forma recorrente no material clínico de Luíza – fezes e dinheiro – nos remete às angústias e defesas ligadas à analidade que, possivelmente, teria permeado a relação entre Luizinha e seu objeto primário. Essas questões continuam “assombrando” o cotidiano de Luíza, indicando que não puderam ser suficientemente metabolizadas e integradas por Luizinha.

**Palavras-chave:** O infantil. Escuta analítica. Analidade. Criança-no-adulto. Construções em análise.

*Abstract: Starting from the fictional reconstruction of the relationship between a small child (Luizinha) and her primary object, the author seeks to show how the infantile infiltrates the discourse of the adult patient in analysis (Luíza). The theme that recurrently appears in Luíza’s clinical material – feces and money – brings us to the anxieties and defenses related to anality, which have possibly permeated the intersubjective relationship between Luizinha and her primary object. These issues continue to “haunt” Luíza’s daily life, indicating that they could not be sufficiently metabolized by Luizinha.*

*Keywords: The infantile. Analytical listening. Anality. Child-within-the-adult. Constructions in analysis.*

### INTRODUÇÃO

A escuta analítica é, do meu ponto de vista, o cerne da formação de um psicanalista. Em muitas situações, contudo, o conteúdo manifesto do discurso do adulto se impõe de tal maneira que a escuta do infantil quase desaparece. Quando as intervenções do analista se dirigem ao adulto, corre-se o risco de passar ao largo das questões nas quais a criança-no-adulto continua enroscada.

Tenho usado o termo criança-no-adulto para englobar tanto o infantil (o inconsciente recalcado) quanto o arcaico (o inconsciente clivado) (Minerbo, 2002, 2016). Uso o termo com hífen para sinalizar que se trata de um construto teórico, e não de um comportamento infantil.

Como sensibilizar a escuta para essa dimensão do psíquico no discurso comum do paciente adulto? Surgiu, então, a ideia de escrever um texto na voz da criança. Como qualquer personagem da literatura, ela mesma nos conta como

<sup>1</sup> Médica, psicanalista, analista didata e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Doutora pela UNIFESP. Autora de artigos e livros, dentre os quais *Neurose e não neurose* e *Novos diálogos sobre a clínica psicanalítica*, ambos pela Blucher. Prêmio Durval Marcondes no Congresso Brasileiro de Psicanálise de 2015. E-mail: marionminerbo@gmail.com

vê o mundo, quais são suas angústias e os enigmas com os quais é confrontada. Chamo isso de ficção baseada em fatos reais porque a construção dessa criança não é aleatória: está baseada numa interpretação do material clínico do adulto.

Na prática há crianças e crianças, cada uma com sua problemática. Neste texto falarei de uma criança específica, Luizinha. Nunca a conheci, porque quem está em análise é Luíza. Mas me parece interessante usar a ficção para mostrar que aquilo que ficou em “resto de integração” – no caso dela, o infantil – persiste pela vida afora. E que, agora que Luíza está em análise, as questões que Luizinha não pôde integrar se manifestam no material clínico.

Vou dar a Luizinha *palavras que ela não tem* para que nos conte o que viveu. Ela vai descrever em que tipo de vínculo primário começou a se constituir como sujeito. Quais experiências desafiaram sua capacidade de metabolização. Que defesas precisou organizar para lidar com essas experiências durante seu processo de subjetivação e como tais defesas darão, mais tarde, forma e inteligibilidade ao mundo mental de Luíza, a paciente que efetivamente está em análise.

Como sabemos, toda criança se depara no vínculo primário com experiências e afetos que não consegue metabolizar, ou que metaboliza parcialmente. Luizinha também; para seguir em frente, precisou encontrar maneiras de lidar com elas. Hoje, tudo o que temos como vestígios dessas experiências iniciais é uma forma constante e coerente de ser e de sofrer: a psicopatologia.

Não há espaço para (nem é meu objetivo) entrar na discussão sobre o que *de fato* aconteceu. Basta dizer que na minha leitura de *Construções em análise* (Freud, 1976f), esse *algo que aconteceu* pode ser intuído e reconstruído pela *imaginação clínica* do analista – contanto que se dê a essa construção o estatuto de *ficção baseada em fatos reais*. Naturalmente, o leitor entenderá que ela serve apenas para orientar a escuta e as intervenções do analista, e não para ser comunicada ao paciente.

Posto isso, na primeira parte deste texto quem fala em primeira pessoa é Luizinha. Sua “fala” aparecerá em itálico, indicando o estatuto acima mencionado. Em um segundo momento, vamos ver de que modo Luizinha continua viva e “assombrando” a vida de Luíza.

Meu objetivo é mostrar como o infantil se infiltra e, de certa maneira, determina o que Luíza escolhe dizer nas sessões. O inconsciente insiste, e todos os caminhos levam a Roma. Ele – o inconsciente – *pauta* o discurso verbal e não verbal do adulto em sessão. É como se o mundo fosse uma espécie de caixa de ludo infinita, e Luizinha escolhesse *exatamente aquilo de que precisa* para expressar o que está à espera – ou melhor, em *demanda* – de elaboração.

Nesse sentido, acompanho Roussillon (1999) quando afirma que o ser humano está submetido a um *imperativo categórico*: tornar-se sujeito daquilo a que foi assujeitado. É por essa razão que podemos confiar totalmente na associação livre, pressuposto sobre o qual repousa nossa prática clínica: o infantil sempre dá um jeito de se manifestar – de forma disfarçada, diz Freud; infiltrando, diz Roussillon, a fala do adulto.

## LUZINHA

*Eu me chamo Luizinha e tenho três anos. Assim que fiz um ano, mamãe me colocou para fazer cocô no penico. Como eu ainda não estava pronta, foi um sofrimento. Meu corpo não controlava o que saía dos meus buracos, mas*

## ARTIGO

*eu fazia a maior força para conseguir. Fiz de tudo para tranquilizar mamãe e mostrar como eu gosto dela.*

*Vivo obcecada com esse assunto. Porque é claro que, quando mamãe está angustiada, eu também fico. Mesmo se ela não falasse nada, eu percebia direitinho que tudo ligado ao corpo, e ao que sai dele, a incomoda. Foi assim que o assunto cocô e outras sujeiras do corpo foi ocupando mais e mais espaço na minha mente.*

*Minhas conversas com mamãe eram quase que só sobre isso: “Então, Luizinha, você conseguiu? Ainda não? Tente mais um pouquinho para a mamãe ficar feliz”. Até nosso cachorro entrou nessa: o Pingo já fez cocô hoje? Vixe... o Pingo vomitou! Quem vai limpar essa sujeira?*

*Desde que me entendo por gente – digamos, uns seis meses – eu me estressava quando escutava ela bufar a cada vez que tinha que trocar minha fralda. O que será que tem de errado com meu corpo? Por que ela usa a pontinha dos dedos para me limpar? Por que faz essa cara de nojo? Comecei a ficar com vergonha das minhas funções corporais. E quanto mais vergonha, mais ligada nelas eu ficava.*

*Comecei a sentir que fazer cocô era uma coisa muito errada. Sonhava que era uma bonequinha muito linda que nunca fazia aquela coisa marrom e fedida. Mas às vezes tinha pesadelo: eu tinha produzido uma montanha tão grande que eu e mamãe ficávamos enterradas nela.*

*Eu me esforçava muito para processar emocionalmente o que percebia. Se ela tem tanto horror ao que eu produzo, vai ver que é porque é horrível mesmo. Ou pior, eu é que sou horrível, já que aquela coisa horrível sai de mim. Meu cocô deve ser muito perigoso, como se fosse material radioativo. Está na cara que tem nojo. Quase vomita quando olha para minha fralda cheia. Até parece que ela mesma não faz cocô, ou que não tem outras secreções que saem do corpo dela!*

*Pensando bem, reparei que ela toma vários banhos por dia – ouvi ela dizer que não suporta seu suor. Reparei que passa muuuuito perfume – que, aliás, eu detesto – porque precisa disfarçar os cheiros do corpo. Uma vez ela vomitou e vi como quase surtou por causa disso. Fala muito sobre sua prisão de ventre, que às vezes vira diarreia. É muito exigente com nossa diarista: por mais que ela se esforce, para mamãe nunca está suficientemente limpo.*

*Acho que sujeira / limpeza / fedor / perfume / cocô / suor / vômito são os assuntos que ficam martelando na cabeça dela. Quase não vejo ela se divertir: para ela tudo é caro, tudo custa dinheiro, tem que economizar em tudo. É muito pão-dura com ela mesma. Que vida chata, coitada!*

*Já com os outros, pode acontecer de ser totalmente mão aberta. Finge que não liga para dinheiro. Na verdade, não gosta de “se sujar” com esse assunto. É como se o dinheiro fosse tão sujo quanto cocô.*

*Não é de admirar que estes mesmos assuntos fiquem martelando na minha cabeça também. Aquilo que podia ser só uma função natural do meu corpo virou um cavalo de batalha entre nós. Uma luta para ver quem tem mais poder, quem manda em quem.*

*Virei uma menina “do contra”. Basta ela me pedir alguma coisa – começando com o que sai do meu bumbum – que eu digo “não”! Eu também fiquei*

*pão-dura: só solto o que ela tanto quer de vez em quando. E mesmo assim, só de noite, na fralda, quando não controlo.*

*Cheguei aos três anos achando que todos vivem dentro de uma bolha fêdida. Mamãe e eu estamos presas nesse horrível mundo marrom. Só temos essa linguagem para demonstrar nossos sentimentos uma em relação à outra. É com essa mesma linguagem que interpreto tudo que me acontece. É com esse código que me relaciono comigo mesma, com as outras pessoas, e com o mundo. Vou te dar vários exemplos disso.*

*Uma coisa bem boba, mas que serve para mostrar como eu leio o mundo através desse código. “Traduzo” areia como sujeira, então não gosto de praia nem de parquinho, porque não quero me sujar.*

*Tenho que ter controle total sobre meus brinquedos. Organizo por cor, por tamanho, coloco tudo em fila, cada coisa no seu lugar. Passo um tempão arrumando porque, para mim, bagunça é uma espécie de sujeira.*

*Virei pão-dura também com os meus brinquedos. Na minha cabeça, brinquedos preciosos = cocô precioso. Não quero emprestar para meus amiguinhos porque, como mamãe, eles podem querer roubá-los de mim. Vai ver que é por isso que ninguém mais quer brincar comigo.*

*Por outro lado, amo brincar com argila. Porque você sabe, o outro lado do horror à sujeira é o fascínio por ela. Adoro mexer naquela massa meio pastosa, lambuzar minhas mãos, e dar a ela a forma que quiser. É o melhor jeito de domesticar o nojo que tenho “dele”. Brincando, transformo o nojo gigante, daqueles de vomitar, num simples nojinho divertido.*

*Como disse, perdi a naturalidade. Fui ficando com vergonha de mim mesma e do funcionamento do meu corpo. Tenho vergonha de tudo que pode escapar dele sem que eu consiga controlar. Morro de vergonha de fazer pum e de arrotar; de mastigar e de vomitar. E até de pedir para ir ao banheiro, porque as pessoas vão saber o que fui fazer lá.*

*Resumo da ópera: tenho medo de que me achem suja e sintam nojo de mim. Acho que a cara que mamãe fazia quando trocava minhas fraldas continua me assombrando feito um fantasma.*

*Observo outras crianças e vejo que elas têm preocupações bem diferentes das minhas. Odeiam arrumar seus brinquedos. As meninas adoram tudo o que brilha. Ninguém está nem aí com o que sai de seus corpos, e/ou seus equivalentes. Deve ser maravilhoso!*

*Quando vejo isso, tenho medo de crescer sem conhecer esses outros mundos, sem experimentar essas outras maneiras de viver. Quero conseguir emprestar meus brinquedos, e ter amigos, e ir à praia, e me lambuzar de tinta, e não me importar com a bagunça do meu quarto. Curtir a vida, em vez de ficar presa com mamãe nesse assunto.*

*Mamãe não entende por que motivo, aos três anos, ainda entro em pânico quando vejo um penico. Ela acha que é só para provocar; fica brava comigo; me obriga a ficar sentada no trono por horas. Já faz muito tempo que vivemos emboladas, em pé de guerra. A verdade é que nós duas sofremos muito e não estamos conseguindo sair disso sozinhas.*

*Assim que puder vou querer fazer uma boa análise!*

**A TEORIA BROTA DA CLÍNICA; A TEORIA ILUMINA A CLÍNICA**

Não custa repetir que Luizinha é uma ficção baseada em fatos reais. É uma reconstrução imaginária realizada a partir da interpretação do material clínico da análise de uma paciente adulta.<sup>2</sup>

O leitor terá reconhecido, encarnada na “fala” dessa criança de três anos, uma das pedras fundamentais do edifício teórico da psicanálise: a ideia de que o sintoma (neurótico) é a melhor solução que o psiquismo conseguiu dar – no caso, uma solução defensiva – a um conflito que produz angústia (Freud, 1976a). Terá reconhecido também as teorias freudianas sobre o erotismo anal infantil e suas vicissitudes (Freud, 1976c; 1976d): Luizinha nos contou que está “fixada” em um universo emocional ligado à analidade e mostra um comportamento retentivo, de oposição, formações reativas, etc.

Mas o leitor reconhecerá igualmente na “fala” de Luizinha uma diferença significativa com relação ao Freud dos primeiros tempos: minha abordagem é *radicalmente intersubjetiva*, ou seja, eu incluí em minha construção elementos hipotéticos ligados ao inconsciente materno.

Nesse sentido, me alinho com os vários autores que se debruçaram sobre a transmissão transgeracional da vida psíquica (Kaës, Faimberg, & Enriquez, 2001). O leitor reconhecerá também a presença de *significantes enigmáticos* (Laplanche, 1988). Aos três anos a “narradora” se pergunta qual o sentido de sua mãe tomar vários banhos por dia, do excesso de perfume, do braço de ferro em torno do controle esfinteriano, do horror à sujeira, etc.

Na minha hipótese, ela não viveu situações traumáticas que colocam em risco o ser e o existir, impedindo a separação sujeito-objeto, e sim situações enigmáticas ligadas ao sexual infantil da mãe. Frente a elas, Luizinha se organizou em torno de defesas predominantemente neuróticas, como veremos no material clínico a seguir.

Na bela e já clássica imagem de Laplanche, esses significantes funcionam como o grão de areia que irrita a ostra, resultando na produção da pérola. Luizinha realiza intenso trabalho psíquico e produz uma verdadeira “pérola”: do seu ponto de vista, tudo que diz respeito à analidade é errado, vergonhoso, e precisa ser banido “para que mamãe não se angustie”. São as conclusões possíveis para esta criança.

O problema é que, desde então, tais “teorias” anacrônicas – Freud (1976e) as chamava de teorias sexuais infantis – não foram revisitadas. Luíza busca análise em função de limitações determinadas por esse anacronismo.

**LUÍZA**

Nesta segunda parte do texto, gostaria de mostrar que Luizinha continua viva em Luíza. Luizinha é, por assim dizer, o inconsciente recalcado de Luíza. Quem abre a boca e emite as palavras é a adulta, *mas é a criança-no-adulto que pauta Luíza*. Para desatar o nó que emperra a vida de Luíza será preciso que ela faça uma releitura, uma resignificação de seu passado.

Trago agora três fragmentos da análise de Luíza para ilustrar de que modo as angústias ainda vivas em Luizinha determinam seu discurso. A dificuldade é que a linguagem, os temas e os afetos da criança se misturam – *se infiltram* – na linguagem, nos temas e na vida afetiva da adulta.

Como, então, podemos saber que Luizinha está lá? Primeiro, pela repeti-

ção de um mesmo tema, indicando que algo continua demandando elaboração e integração. Segundo, porque pensamentos, afetos e comportamentos de Luíza soam bizarros, a menos que sejam escutados e entendidos como expressões do infantil.

### FRAGMENTO 1

Luíza chega para a análise há muitos anos. Se acha estranha. Não consegue se relacionar com os homens porque não se imagina saindo para jantar com alguém. Tem muita vergonha de ficarem restos de comida nos seus dentes sem que ela perceba. Ela falando e sorrindo, e aquela coisa nojenta está lá grudada no dente da frente. E se quiser ir ao banheiro? Morreria de vergonha de ter que se levantar para isso no meio do jantar. (Ela não chega a dizer explicitamente, mas dá a entender que o que a perturba é imaginar que seu interlocutor tem nojo dos restos de comida nos dentes, ou do que ela foi fazer no banheiro). Luíza percebe que sua vida amorosa está impedida, mas não entende de onde lhe vem isso.

Usando o método desenvolvido por Freud em *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1976b), não é difícil interpretar “restos de comida nos dentes que dão nojo” como “restos de fezes”. Graças ao mecanismo psíquico conhecido como *deslocamento*, a intensidade afetiva ligada às fezes recobre os supostos restos de comida a ponto de impedir um jantar. O afeto no qual estas duas representações estão embebidas é o mesmo: o nojo. *É ele, o nojo, que nos permite transitar entre o universo adulto e o infantil.*

Da mesma forma, a escuta analítica reconhece que o rapaz é o suporte transferencial de uma figura que pertence ao universo psíquico de Luíza. Como em um sonho (a cena nunca existiu), tudo se passa como se ele visse os detritos “faiscando” como luzes vermelhas e reagisse com nojo – e ela, com vergonha. Obviamente, Luíza não sabe “de onde lhe vem isso”; não sabe que essas imagens emergem diretamente do universo fantasmático de Luíza.

Para qualquer adulto bastaria limpar o dente, ou pedir licença para ir ao banheiro. Se para Luíza nada disso é evidente é porque Luíza está lá, viva, assombrando nossa paciente. O universo infantil da analidade (detritos, excrementos visíveis, nojo) penetra a consciência “disfarçado”, travestido de linguagem adulta (jantar com um rapaz, resto de comida nos dentes, levantar-se para ir ao banheiro).

Como foi dito, Luíza é o inconsciente de Luíza. O infantil produz efeitos reais e concretos em sua vida e pauta seu comportamento: ela não pode sair para jantar com um rapaz.

Se não fosse isso, ela poderia imaginar o rapaz dizendo algo como: “Tem um *verdinho* no seu dente de cima. Um pouco mais para a esquerda. Isso”. Luíza limparia o dente e os dois continuariam bebericando seu vinho e trocando olhares. Como isso é impossível para ela, podemos construir a hipótese de que ela se identificou com uma figura que tem questões com os detritos produzidos pelo corpo, e agora a projeta no rapaz. É apenas uma hipótese que, no entanto, vai ganhando corpo com outros fragmentos clínicos.

### FRAGMENTO 2

Luíza conta uma situação cheia de detalhes sobre como ela tenta impedir o padrasto de ter acesso ao dinheiro da herança da família. A mãe se recusa a, ou não sabe como, mexer nesse assunto delicado. Sobra para Luíza lidar com isso, o que acaba criando um climão na família. Irritada, a mãe afirma que, por ela, abre mão da herança, porque não se importa com dinheiro. E acusa Luíza de só pensar em dinheiro.

## ARTIGO

A analista confirma que, de fato, Luíza fala em dinheiro o tempo todo. E acrescenta que, nesses muitos anos de análise, a cada vez que tenta fazer um reajuste – mesmo que mínimo – é uma guerra. Não é que Luíza não tenha dinheiro. É que economiza cada centavo. Está juntando dinheiro para ir morar em outro país. Mas esse parece ser um traço de seu caráter, presente mesmo antes de esse projeto ter surgido.

Na minha interpretação, esse fragmento traz um elemento novo: a mãe não quer “se sujar” com o assunto dinheiro, não se importa com a herança, abre mão dela e acusa a filha de só pensar “naquilo”. Considerando a já mencionada aproximação entre fezes e dinheiro (Freud, 1976c; 1976d), esse material sugere um *recalque* importante no campo da analidade por parte da figura materna.

Luizinha “descreve detalhadamente” o *molde emocional* em que representações ligadas à analidade são angustiantes para a mãe – e em consequência, para ela – e precisam ser recalçadas. Ao se subjetivar nesse molde, o que era recalque na mãe se transforma em “obsessão” na filha. Luíza acaba por apresentar o mesmo comportamento, só que em negativo. Vemos aqui como se constituem as identificações complementares que serão internalizadas.

A sessão em que Luíza conta como tentou evitar que o padrasto se apropriasse da herança da família é apenas uma entre mil em que o tema *dinheiro e seus correlatos* aparece. Há outros exemplos. Ficou indignada quando tentou alugar um apartamento e, em vez de fiador, pediram para que comprovasse sua *renda* mostrando sua Declaração de Imposto de Renda. Em outra situação, tinha que confrontar a pessoa com quem dividia seu apartamento, pois ela se *apropriava* de seus cremes preciosos e caros. Em outra, ainda, o namorado respondia “não” a todas as opções que Luíza lhe oferecia em relação a um determinado assunto; vemos aqui o comportamento de *oposição anal* da criança-no-adulto. Enfim, são muitas as maneiras pelas quais Luizinha vai expressar, em linguagem adulta, o que continua presente como um resto não metabolizado.

**FRAGMENTO 3**

Luíza foi trabalhar como *baby-sitter* para ganhar um dinheirinho. Tem que cuidar de uma criança pequena durante três horas. Descobre que não tem ideia de o que fazer. Vai passear no parque: pronto, foi uma hora. Vai dar comida: pronto, outra hora. Não sabe como matar a terceira hora. Em seguida comenta que, ao conseguir esse trabalho, nunca imaginou que incluía trocar fraldas. Não tem ideia de como fazer isso. Tem nojo de limpar cocô.

(A analista que conta o caso no ateliê clínico estava falando de outro assunto quando esse fragmento, que pertence a outra sessão, retorna como associação livre. Esta, certamente estimulada pelo pensamento clínico que vinha sendo elaborado, mostra como ela reconhece esta nova peça como parte de um mesmo tema).

Como sabemos, o inconsciente insiste: Luizinha não brinca em serviço. Ficamos sabendo que nunca passou pela cabeça da paciente que, ao cuidar de uma criança pequena por algumas horas, teria de trocar fraldas. A surpresa de Luíza soa estranha à escuta analítica. O que Luizinha está tentando nos contar em linguagem adulta?

Esse fragmento traz, num novo contexto, dois temas já vistos anteriormente: a mãe que não quer pôr a mão na massa e se sujar com dinheiro (aqui é a paciente que não vai escapar de “pôr a mão na massa” e trocar fraldas); e o hipotético rapaz que teria nojo de ver restos de comida em seus dentes (ela com nojo do cocô). Só que com uma *inversão importante*: aqui é Luíza, e não o seu objeto (representado pelo rapaz ou pela mãe), que tem uma relação complicada com as fraldas da criança que está sob seus cuidados. Agora ela está no papel da mãe, e a criança de quem ela tem de cuidar representa a própria Luizinha.

A *surpresa* de Luíza sugere que ela está identificada ao aspecto que foi *recalcado* pela figura materna, tal como vem aparecendo em vários fragmentos do material clínico. Tudo se passa como se a mãe de Luíza tivesse *esquecido* que sua bebê tão fofinha e cheirosa também faz cocô.

A analista reconhece que essas questões estão presentes na transferência. A analista mencionou a dificuldade em tratar de honorários com Luíza. Um ato falho ilustra bem a dinâmica “extorquir/ser extorquida” – angústia característica da analidade – que dá o tom a esse campo transferencial. Na data combinada, Luíza havia feito uma proposta de reajuste que a analista aceitou. Depois de vários meses pagando os novos honorários, ela “se esqueceu” do acordo e voltou a pagar o valor antigo. A analista, por sua vez, levou um bom tempo até consultar seu saldo bancário e descobrir o “equivoco”.

Em certo momento no ateliê em que discutíamos o caso, quando a compreensão do universo mental de Luíza já estava mais clara, a analista associou com a seguinte cena. A analista estivera ausente por conta de licença-maternidade. Luíza volta ao consultório. Observa o ambiente, e de todos os mil comentários que poderia fazer, Luíza *faz com que Luíza diga*: “você esqueceu de colocar aquele cheirinho gostoso que tinha aqui”. A expressão “cheirinho gostoso” cheira a uma formação reativa típica do universo anal.

#### FINALIZANDO

Duas palavras sobre como as hipóteses aqui esboçadas – incluindo a construção imaginária do universo intersubjetivo em que Luíza se constituiu – podem orientar as intervenções do analista. Mas primeiro gostaria de ressaltar a diferença entre conversar com Luíza ou com Luíza:

Quando se visa a falar com a adulta, a tendência é optar por uma conversa “sobre a realidade” da situação descrita. Por exemplo, sobre como ela lidou com a situação do padrasto e da herança.

Por outro lado, conversar com a criança (com *esta* criança) é mapear, dirigir-se a, ou simplesmente interpretar, a fantasia inconsciente. Idealmente, a intervenção deveria ser suficientemente insaturada (Bion, 1967) de modo que seja possível dirigir-se simultaneamente a Luíza e a Luíza.

O objetivo é dar corda ao processo associativo, ajudar Luíza a transformar as cenas que ela descreve em palavras, e a elaborar as experiências inconscientes que estão sendo transferidas para a situação atual.

Imaginando intervenções possíveis:

Depois do *Fragmento 1* (sobre os restos de comida nos dentes), uma interpretação poderia ser algo como: “sentiria vergonha como se estivesse com restos de cocô nos dentes!”. Ou então: “... imaginar alguém com nojo da sua boca, como se fosse um ânus”.

Depois do *Fragmento 2* (sobre a mãe que não liga para dinheiro), o analista poderia dizer “se recusar a pôr a mão na massa por achar que dinheiro é sujo”. Ou então: “quando você disse que sua mãe não gosta de falar de dinheiro me lembrei como esse assunto é difícil aqui entre nós”.

Depois do *Fragmento 3* (sua surpresa quando lembrou que tinha que trocar fraldas), uma intervenção possível seria: “esqueceu que bebês fazem cocô?”. Ou então: “bebês tão fofinhos podem ser tão fedidos!”.



## ARTIGO

A reconstrução imaginária de Luíza se deu a partir da escuta e da interpretação do material da análise de Luíza. Escolhi inverter a ordem e colocar a reconstrução antes do material clínico para deixar clara a ideia de que o universo mental da criança *se infiltra e determina* o que o adulto “escolhe” dizer em sessão. “Escolhe” entre aspas porque, como mostrou Freud, é o infantil que tem as rédeas da associação livre em suas mãos.

## NOTA

2. Trata-se do material clínico de uma supervisão. Agradeço à colega pela autorização para publicação.

## REFERÊNCIAS

- Bion, W. (1967). **Elementos de psicanálise** [Elements of psycho-analysis]. Rio de Janeiro: Zahar.
- Freud, S. (1976a). **As neuropsicoses de defesa** (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1976b). **A interpretação dos sonhos** (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 5). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1976c). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1976d). **Caráter e erotismo anal** (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1976e). **Sobre as teorias sexuais das crianças** (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1976f). **Construções em análise** (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago.
- Kaes, R., Faimberg, H., & Enriquez, M. (2001). **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. Casa do Psicólogo: São Paulo.
- Laplanche, J. (1988). **Teoria da sedução generalizada**. Artes Médicas: Porto Alegre.
- Minerbo, M. (2012). **Transferência e contratransferência**. Blucher, São Paulo.
- Minerbo, M. (2016). Transferência. In M. Minerbo. **Diálogos sobre a clínica psicanalítica**. Blucher: São Paulo.
- Roussillon (1999). **Agonie, clivage et symbolization**. PUF: Paris.